

Freire e Papert discutem a pedagogia dos tempos globais

O pai da educação popular e o defensor do computador como substituto da escola apóiam o aprendizado consciente em encontro promovido pela PUC com apoio da "Agência Estado" e do "Jornal da Tarde"

Em 9 de novembro do ano passado a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo reuniu dois papas da educação para um encontro intitulado *O Futuro da Escola*. De um lado, Seymour Papert, um matemático nascido na África do Sul e radicado nos Estados Unidos, defensor da substituição da escola por um novo sistema em que o computador teria um papel central. Do outro lado, Paulo Freire, um dos pais da educação popular, que luta pela transformação da escola com ênfase no papel do corpo docente.

Anualmente Papert trabalha no MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts, nos EUA). Ele estudou por quatro anos com Jean Piaget em Genebra, no Centro de Epistemologia Genética. Papert é um dos criadores da linguagem de programação Logo para computadores e seu livro mais recente, *The Child's Mind*, de 1993, analisa diferentes formas de relacionamento com computadores no processo de aprendizagem.

O pernambucano Paulo Freire, professor emérito da PUC/SP, é o renomado criador do método de alfabetização popular empregado em vários países do mundo. Participou do governo

de João Goulart, foi considerado subversivo e exilado em 1964, só podendo voltar ao Brasil em 1979. Foi um dos fundadores do PT e secretário de Educação da Prefeitura de São Paulo na gestão de Luiza Erundina.

A seguir, trechos da conversa de Papert e Freire, gravada pela TV PUC, exibida na TV a cabo em dezembro e disponível na Internet. O evento teve apoio da Agência Estado e do *Jornal da Tarde*.

Seymour Papert: Perguntaram-me o que aprendi com Paulo Freire. (...) Então me lembrei de uma piada, um desenho que vi em uma revista. É sobre uma menina que, depois da aula, pergunta à sua professora: "Professora, o que eu aprendi hoje?" A professora responde: "Engracado, por que essa pergunta?" E a menina diz: "Porque quando chego em casa meu pai me pergunta o que eu aprendi hoje e eu nunca sei responder."

Acho que a coisa séria que aprendi com Paulo Freire é que essa história não é apenas uma piada. De uma certa forma, ela resume tudo o que há de errado com a escola de escola. A professora está fazendo uma coisa com a menina. A menina está inconsciente. Ela não tem a menor consciência do que se trata. E é isso que estamos tentando fazer na educação das crianças. Dar a elas mais consciência do processo de aprendizagem, mais controle e inventividade para participar deste processo. Tudo contrário a ter de perguntar à professora: "O que eu aprendi hoje?"

Paulo Freire: (...) Evidentemente que o bom é fazer humor com relação à educação e não ironia. O bom é brigar, não zombar. Na verdade, eu concordo inteiramente com o humor contido na história que Papert contou, de acordo com a posição em que me coloco para compreender a prática educadora.

Eu começaria fazendo uma citação que me agrada muito, de um biólogo francês, François Jacob. Ele diz em uma bela entrevista que deu ao *Courrier de L'Unesco*: "O homem e a mulher são seres programados, mas para aprender. E ele insiste que não somos seres determinados, mas programados. Eu juntaria a Jacob uma frase que para muitos parecerá não ser necessária, mas que para mim é fundamental em face da compreensão que eu tenho do que é aprender. Eu acrescentaria: "Programa-se para aprender e portanto para ensinar."

(...) Essa capacidade de aprender é que não se entenderá se não se compreender a capacidade correspondente que é a de ensinar. É por isso que me espanta ainda a distância que fazemos de compreender a simulação genética dialética entre ensinar e aprender. Tem gente que ainda acha que ensinar se faz sem aprender e que aprender é uma coisa feita sem ensinar. Não sei como ainda é possível passar isso pela cabeça de muita gente.

(...) Mas esses dois momentos da experiência humana e da invenção da experiência humana são dois momentos que exigem uma outra inventividade humana que é a invenção da curiosidade.

(...) Então o que é para mim incrível é que toda prática educativa deva se basear fundamentalmente na curiosidade. E estimulá-la. É exatamente isso o que nós não fazemos. Veja bem, nós ainda não avalia-



mos o exercício da curiosidade. Avaliamos quantitativamente se os alunos aprenderam os 10 centímetros de saber que nós depositamos neles, mas não avaliamos os níveis de curiosidade. sem a qual não há epistemologia. Isso é uma coisa incrível. Veja bem, quando a menina da anedota do Seymour faz a pergunta, ela já está absolutamente condicionada pela compreensão distorcida do aprendizado como uma experiência mecanicista e quantitativa apenas. Quando ela diz "o que foi que eu aprendi?" ela quer saber a quantidade de saber que lhe foi ensinado. A professora e a professora da menina não têm a compreensão crítica da curiosidade. A compreensão crítica do processo de conhecer e o que é o saber. A história enfatiza a compreensão quantitativa do conhecimento, um absurdo.

(...) Eu sou por uma pedagogia da curiosidade. Por isso eu defendi, junto com um filósofo chileno, Fagundes, uma pedagogia da pergunta e não da resposta. Que é justamente a pedagogia que se funda nessa curiosidade sem a qual não há pedagogia e que aumenta essa curiosidade.

Novamente eu peço desculpas a você, Seymour, por ter aproveitado a sua questão para fazer um discurso como o dos brasileiros, os brasileiros do Estado da Bahia que adoram um microfone (risos).

Seymour Papert: Eu vou aproveitar o seu discurso para fazer outro. Eu vou ficar bem provocativo e vou dizer uma coisa de maneira muito simplificada. Paulo Freire disse que não entende como alguém pode dizer que há ensino sem aprendizagem. Claro, fundamentalmente isso é absolutamente verdadeiro, mas na vida real há um desequilíbrio entre o aprendizado e o ensino. O ensino está muito mais valorizado do que o aprendizado. Na verdade, a nossa tarefa seria a de dar valor ao aprendizado, às custas do ensino.

Eu gostaria de fazer uma coisa sobre o que eu vejo o papel da tecnologia no aspecto de como aconteceu a construção do aprendizado e do ensino. Claro, eu estou simplificando demais, mas vou enfatizar os três estágios do aprendizado. Esses não são os estágios dos quais Jean Piaget poderia falar mostrando a natureza do cérebro ou da mente, são os estágios do relacionamento entre o indivíduo e o saber.

O primeiro estágio acontece quando a criança nasce. Desde então começa o processo de aprendizagem por meio do ato de explorar, tocar, pegar, colocar coisas na boca. Isso não inclui apenas os objetos, mas as pessoas. O processo de aprendizagem está acontecendo e sendo conduzido pelo indivíduo. A criança está determinando o processo. Os pais podem até acreditar que eles estão determinando o que a criança está aprendendo, mas na verdade a influência deles é pequena. Em primeiro lugar, o bebê, a criança aprende se autoguidando.

Depois chega um momento em que a criança começa a ver o mundo que é muito maior e não pode ser tocado nem sentido. Então começam as perguntas na cabeça da criança, sobre as coisas que ela ouvia falar, ou que ela via numa foto, ou que ela imaginava. Eu acho que aí a criança entra numa

situação precária e perigosa, porque existe agora uma transição que não é necessária, mas que acontece de fato em nossas sociedades, do aprendizado experimental a uma outra maneira de aprender, que é o aprendizado por meio do que é contado, porque a criança vai ter de procurar os adultos para que eles lhes contem sobre as coisas. Esse estágio alcança o seu auge na escola. Eu acho que não é um verdadeiro exagero acreditar que é verdade quando falamos: "Quando você vai para a escola o trauma é que você tem de parar de aprender e deve aceitar ser ensinado."

Agora isso é o estágio dois, é a escola. Aprendemos por meio do ato de ser ensinado, então vêm os depósitos. Eu acho que muitas crianças são sufocadas e destruídas por isso. Claro, algumas sobrevivem a isto, todos nós sobrevivemos. Esta é a razão pela qual é perigoso discutir estas questões com as pessoas, porque, apesar da escola, foi durante esse estágio que aprendemos certas habilidades. Aprendemos a ler, a usar a biblioteca, a ser capazes de explorar um mundo muito maior. Agora, acho que é muito importante o jeito como o terceiro estágio volta ao primeiro. Aqueles que sobrevivem ao segundo estágio tornaram-se pessoas criativas dentro dos laboratórios, nos seminários de filosofia, tornaram-se artistas, empresários, jornalistas, enfim, todas as pessoas que são capazes, apesar de todas as restrições do mundo em que vivemos, de achar um jeito criativo de viver. Eles são muito parecidos com a criança que explora tudo e está se autoguidando. É um processo experimental. Não é verbal nem igual ao de ser ensinado.

Agora quero contar uma história sobre o meu neto. Ela mostra como as novas tecnologias podem mudar esse padrão. Meu neto tinha três anos na época. Eu estava sentado, observando-o. Ele foi à estante, pegou uma fita de vídeo, colocou-a no vídeo, apertou os botões e depois disse: "Esqueci de voltar a fita." Apertou o botão *rew*, voltou a fita e deu *start* no filme. O interessante é que essa criança passou os 30 minutos seguintes mergulhada num mundo que estava fora do seu alcance. Essa fita era sobre máquinas de fazer estradas, aquelas máquinas grandes que fascinam as crianças. Ele adorou o filme e teve a chance de saber coisas que eu nunca poderia saber sobre essa máquina. Eu percebi a diferença quando estávamos no carro e ele viu uma dessas máquinas. Ele fez perguntas muito inteligentes do que as minhas porque já havia pensado no assunto antes.

Veja bem, o que me surpreendeu nessa história foi essa criança operar a máquina. Fiquei maravilhado ao ver essa criança operar o vídeo, quando muitos adultos ainda não sabem fazê-lo. (...) Mas o que é realmente surpreendente é a comparação entre o que ele pode fazer com 3 anos e o que eu podia fazer com a mesma idade. Mesmo que estivesse interessado em máquinas de fazer estradas numa idade mais avançada do que a dele eu só poderia saber alguma coisa sobre o assunto perguntando a alguém e sendo informado.

Os educadores Paulo Freire (acima, à esq.) e Seymour Papert (abaixo, à esq.) em encontro promovido pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e gravado pela TV PUC em novembro. O professor e o computador são instrumentos do aprendizado

A questão não é acabar com a escola, é mudá-la completamente, fazer com que nasça dela um ser tão atual quanto a tecnologia

fezer com que os educadores tenham esta diferença.

Paulo Freire: Para mim, isso não é uma conversação ainda. Eu constato que a escola está pesada. Mas eu não constato que ela esteja de se preparando e se desapegando. Por isso eu apóio para que nós, que escapamos da morte da escola, tenhamos sobreviventes aqui, multidões aqui, a escola. A minha questão não é acabar com ela, é mudá-la completamente, é radicalmente fazer com que nasça dela um novo ser tão atual quanto a tecnologia.

Eu continuo lutando no sentido de pôr a escola à altura do seu tempo. E pôr a escola à altura do seu tempo não é sózéria, mas refazer.

Para mim, o problema que se coloca hoje é o de corrigir os equívocos do segundo estágio. Por mim, esses equívocos não são ideológicos ou metodológicos, mas ideológicos e políticos. Por mim, o que tem de mudar o mundo politicamente, é o poder que tem de ser mudado. E para isso não tem de dizer que a história mudou, nem que as classes desapareceram. Isso tudo é conversa para não mudar o segundo estágio. Todos os discursos sob a perspectiva da nova ideologia liberal trabalham juntos para preservar o segundo estágio. Para mudar o segundo estágio devemos mudar o discurso liberal.

Seymour Papert: Posso dizer uma coisa? Quando eu digo que não haverá mais escola,

isso depende de como você entende a escola. Eu acho que o que precisamos notar está muito evidente — afinal de contas, esta é outra coisa que aprendi com você, é que devemos estar conscientes e críticos fundamentalmente. O que há de errado com a escola não são detalhes. O que há de errado com a escola é absolutamente fundamental. Se mudarmos isso, estaremos mais perto de não ter escola. Talvez eu devesse fazer uma lista dos erros. (...) É ridículo ter uma escola que diz: agora você está aprendendo, não vivendo. Agora segregamos pessoas por idade, agora segregamos por...

Paulo Freire: Não, não.

Seymour Papert: Bem, não vamos discutir

É aí que vejo a grande ruptura (?) segundo estágio está dançando de ser obrigatório. Essa criança está começando a contornar o segundo estágio. O que vi com o meu neto, que só tem algumas fitas, é algo muito superficial, é o começo. Depois de alguns anos — isso aconteceu há dois anos — ele poderia ter um CD-ROM e um leitor de vídeo e alguns CDs, mas um senso interno de saber humano, que, em princípio, é acessível.

Para finalizar o meu discurso, eu acho que o principal passo da tecnologia e da educação é contornar o segundo estágio. Isso nos permite poupar as crianças desse processo do ensino escolar que é traumatizante, perigoso e precário.

(...) Vou nessas pesquisas situações a possibilidade de crianças pequenas terem numas instruções que as ajudam a registrar a expressão, a recusarem a ficar nessa posição e manterem a curiosidade e o senso de seu próprio poder intelectual que elas tinham quando nasceram.

Nada é mais ridículo do que a ideia de que a tecnologia possa ser usada para melhorar a escola. Ela irá substituir a escola que conhecemos. Esperamos que haja sempre lugares para as crianças se encontrarem com pessoas para aprender. Mas a natureza fundamental da escola nesse processo está acabando e daqui a 10, 20 anos vamos colher os resultados.

Paulo Freire: A fala dele é profundamente estimuladora e, por isso mesmo, desafiadora.

(...) Eu tenho um neto hoje de 23 anos de idade que bate qualquer especialista nesta coisa de Net, já faz o dia. Tenho uma neta de 6 anos operando o computador. Mas isso é a minoria da sociedade brasileira. E o que dizer dos 5 bilhões dos 33 milhões de brasileiros que neste momento estão morrendo de fome? Qual é a repercussão da tecnologia junto à maioria das crianças brasileiras hoje? Daqui a 20 ou 30 anos estes milhões de meninos estarão mais distantes da tecnologia ainda.

Eu concordo com a análise dele de três estágios, sobre a experiência da produção do conhecimento, acho que são frutos boas. A crítica que ele faz ao segundo momento, que é a escola, é uma crítica com a qual eu concordo, mas deixo de aceitar a proposta, que na verdade não é uma proposta.

O Papert não propõe de que esta coisa está para acontecer, que será o fim da escola. Ele está conversando.

Seymour Papert: Não é uma proposta, é uma discussão.

Paulo Freire — Para mim, isso não é uma conversação ainda. Eu constato que a escola está pesada. Mas eu não constato que ela esteja de se preparando e se desapegando. Por isso eu apóio para que nós, que escapamos da morte da escola, tenhamos sobreviventes aqui, multidões aqui, a escola. A minha questão não é acabar com ela, é mudá-la completamente, é radicalmente fazer com que nasça dela um novo ser tão atual quanto a tecnologia.

Eu continuo lutando no sentido de pôr a escola à altura do seu tempo. E pôr a escola à altura do seu tempo não é sózéria, mas refazer.

Para mim, o problema que se coloca hoje é o de corrigir os equívocos do segundo estágio. Por mim, esses equívocos não são ideológicos ou metodológicos, mas ideológicos e políticos. Por mim, o que tem de mudar o mundo politicamente, é o poder que tem de ser mudado. E para isso não tem de dizer que a história mudou, nem que as classes desapareceram. Isso tudo é conversa para não mudar o segundo estágio. Todos os discursos sob a perspectiva da nova ideologia liberal trabalham juntos para preservar o segundo estágio. Para mudar o segundo estágio devemos mudar o discurso liberal.

Seymour Papert: Posso dizer uma coisa? Quando eu digo que não haverá mais escola,

isso depende de como você entende a escola. Eu acho que o que precisamos notar está muito evidente — afinal de contas, esta é outra coisa que aprendi com você, é que devemos estar conscientes e críticos fundamentalmente. O que há de errado com a escola não são detalhes. O que há de errado com a escola é absolutamente fundamental. Se mudarmos isso, estaremos mais perto de não ter escola. Talvez eu devesse fazer uma lista dos erros. (...) É ridículo ter uma escola que diz: agora você está aprendendo, não vivendo. Agora segregamos pessoas por idade, agora segregamos por...

Paulo Freire: Não, não.

Seymour Papert: Bem, não vamos discutir

Não se entenderá a capacidade de aprender sem se compreender a capacidade correspondente, que é a de ensinar

Toda prática educativa deveria se basear na curiosidade, estimulá-la. É exatamente isso o que não fazemos

INSTITUTO PAULO FREIRE
Rua Celso Corá, 550 2.º andar cj. 22
Tel: (11) 3021-5536 Fax: (11) 3021-5589
E-mail: paulo@paulofreire.org

O gap entre o giz e o monitor, novas tecnologias aplicadas na escola

No debate realizado na PUC entre três especialistas, o futuro da educação e o papel da informática nesse processo irreversível



Ana Maria Saul, pedagoga e professora de pós-graduação (acima à esq.), José Armando Valente, coordenador do NIED (acima à dir.), e Fernando Almeida, vice-reitor acadêmico da PUC (ao lado), durante o debate transmitido para a tevê a cabo: a escola tem que incorporar as novas tecnologias e modificar seu papel

É inconcebível que a escola, do jeito que a conhecemos, continue. E a razão para isso é o dilema de meu neto, que se acostumou a produzir o saber quando ele quer e consi-

le da burocracia nas escolas. Eu não digo que é fácil. Você pode dizer que não é mais uma escola porque já a derrubaram, por isso que digo que a diferença entre nós é semântica. Só enfrentando e desafiando o

continente é que a mudança acontece.

Paulo Freire — Essa questão que ele coloca tem muito a ver com os anos 70 e as teses reprodutivistas que Louis Althusser levanta. Eu vi isso desde os anos 70 quando morei na Suíça e li os primeiros textos do Althusser sobre isso e dos outros, dos companheiros dele. Eu sempre procurei ver o outro ângulo da reprodução da escola, da escola tendo como tarefa a reprodução da ideologia dominante. E o outro lado, a que eu chamo de uma compreensão mais dialética, menos mecanicista, é a daqueles e daquelas que se dão uma tarefa que não é a de reproduzir a ideologia dominante. É a mesma briga de quem quer mudar a política geral da sociedade.

(...) Agora, há um aspecto da conversa com ele, sobre o primeiro, segundo e terceiro estágios, que eu gostaria de jogar aqui. Em primeiro lugar, o meu problema não é preservar o nome "escola". Amanhã pode chamar "memória", "Aonde vai?" "Você é memória", e está indo à escola. Não interessa o nome. Interessa um determinado espaço e tempo onde determinadas tarefas se cumpram. Sociais e não são individuais. Históricas, políticas. Por exemplo, o segundo estágio é horrível. Se o segundo estágio conseguir cumprir uma tarefa, talvez iniciada à escola hoje de forma correta, eu não tenho nada contra que se chame "Memória" ou "Encantado" ou "Ilha das Mulheres Bonitas". Escola agora chama "Ilha das Mulheres Bonitas", é uma maravilha, não tem problema isso. O que eu quero saber é como organizar certas tarefas, como por exemplo as das razões da criação da escola, que só ficou clara agora, muito recentemente, é a de que na experiência do primeiro estágio, você não chega à alcançar, como hoje não se está fazendo na escola — esse é um dos pontos dele — você não chega no primeiro estágio a fazer uma sistematização do conhecimento que assegure a continuidade do processo de busca do novo conhecimento. Quer dizer, uma das tarefas centrais da escola é proporcionar o conhecimento já existente e a produção do conhecimento ainda não existente.

O primeiro estágio, com as modificações tecnológicas, acelera indiscutivelmente a apreensão do conhecimento já existente e a produção do conhecimento ainda não existente. O primeiro estágio, com as modificações tecnológicas, acelera indiscutivelmente a apreensão do conhecimento já existente e a produção do conhecimento ainda não existente. O primeiro estágio, com as modificações tecnológicas, acelera indiscutivelmente a apreensão do conhecimento já existente e a produção do conhecimento ainda não existente.

Estamos vendo hoje um grande aumento do ensino em casa. Os pais estão deixando seus filhos fora da escola

to, mas não necessariamente a razão de ser do conhecimento. Por exemplo, o neto dele opera o computador com uma facilidade extraordinária, possivelmente maior do que a dele, e a razão para isso é que o neto dele nasceu na era do computador. (...) Por exemplo, de que eu fui contemporâneo? PRAB Rádio Clube Pernambuco. Uma coisa fantástica, me lembro até que eu ficava assustado, como é que pode falar longe e a gente ouvir aqui, e aqueles botões. Só isso. Agora, computador, eu me espanto com isso, acho uma maravilha, mas eu não sou coexistente. Eu não sou contemporâneo. E isso pesa, fica no ar. A atmosfera histórica está cheia de computação. Está cheia de telefone, esse que maluco vive usando por aí, o celular. Há uma história dos fatos que engrava os fatos. Isso é difícil de traduzir, né?

O meu problema é o seguinte: como trabalhar a promoção necessária do conhecimento, do saber comum, do senso comum, para o conhecimento mais metodicamente rigorizado da ciência, sem a organização correta de uma organização para isso? Em última análise, o segundo estágio, o ideal é que ele se transforme e substitua a maldade da distorção do segundo estágio atual, sem perder as características docentes dele.

Não sei, pode ser que eu esteja completamente errado, eu sou contemporâneo da escola. Você vê? Um dos problemas é que eu não tenho uma resposta, mas ele me desafia a pensar nisso. (Vanessa Haigh)

A íntegra do debate entre Seymour Papert e Paulo Freire pode ser lida no endereço do Jornal da Tarde na Internet: <http://www.embratel.net.br/agestado/jt>.

Hoje a escola é uma instituição baby sitter. É uma finalidade importante, eu gosto quando ela cumpre essa função

Vamos ficar atrás porque os outros países têm discutido essa questão há mais tempo?

Almeida: Há uma falsa ideia de que quem descobre a tecnologia a domina sempre. A gente pode ver isso com a indústria gráfica, que começou na Alemanha e hoje é o Japão que está na frente.

Valente: Os EUA não conseguiram dar o salto no uso de tecnologia para fazer a criança aprender melhor. Nenhum sistema tecnoló-

ógico ainda alterou o sistema de conhecimento. O problema não é de tecnologia, é de manuseio, é de pessoal treinado para usá-la. Como é que nós formamos as pessoas para cumprir essa nova função? Porque hoje a escola é uma instituição baby sitter. É uma finalidade extremamente importante, eu gosto muito quando ela cumpre essa função, de tomar conta das nossas crianças, e bem. Mas outras coisas, como a educação, as crianças estão aprendendo em outros lugares, como museus, família.

Ana Maria: Eu quero discordar do Valente, que diz que a escola é um lugar para guardar crianças. Esta é uma visão assistencialista, desvirtuada. As crianças precisam de muito mais do que apenas serem cuidadas. Precisam de espaço para descobertas, conhecimentos, sistematização, para ultrapassar o conhecimento do senso comum. Hoje a escola ainda é um local de transmissão. Insisto na perspectiva de uma escola que se reconstitua no seu projeto político e social.

Informação é poder na nossa sociedade, está aumentando o gap, a distância entre classes sociais. Em que medida a tecnologia que estamos assistindo vai aumentar esse gap?

Valente: O sistema será mais perverso do que é hoje. Corremos o risco de ter gerações perdidas porque não adquiriram outras habilidades com a tecnologia.

Almeida: O gap tende a aumentar, mas não por causa da tecnologia. O modelo social e político leva a essa defasagem. A escola tem um compromisso com a revolução. Se a escola não tem um projeto político, a tecnologia é usada para fins descabidos. Revolução é projeto político mas tecnologia. Qual o projeto político que orienta a construção de um currículo? O que define a história não são nossos desejos, mas a articulação política em torno deles.

Ana Maria: A tecnologia vai distanciar ainda mais a escola, as experiências bem sucedidas precisam tomar as redes públicas. Isso é possível, mas precisa ser desapegado. Precisa investir em formação, salários, carreira de professores. Dissociamos salário de formação e carreira, isso não pode vir separado do projeto de melhoria de educação.

Qual a tarefa da escola no futuro do País?
Ana Maria: Precisa ser um espaço e tempo em que haverá sistematização do conhecimento para a formação de um educando crítico, que irá entender sua sociedade para poder projetar sua sociedade e viver nesta utopia. O educador é aquele que na relação com o educando faz com que isso aconteça, de maneira criativa.

Valente: Concorro com ela, só não sei se será aquela escola das 7h às 12h.
Almeida: O de ser um espaço em que duas coisas básicas aconteçam: ser disponibilizadora de informações que sejam rearranjadas e um espaço de diálogo no qual se constrói a verdade socialmente, porque a escola tem uma visão de História diferente do museu. (V.H.)

Corremos o risco de ter gerações perdidas porque não adquiriram outras habilidades com a tecnologia

Os EUA não conseguiram dar o salto no uso de tecnologia para fazer a criança aprender melhor

INSTITUTO PAULO FREIRE
Rua Cerro Corá, 550 2.º andar cj. 22
Tel: (11) 3021-5536 Fax: (11) 3021-5589
05061-160 - São Paulo - SP - Brasil
E-mail: ip@paulofreire.org